

# “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida

“Tell me your history”: reflections about the Life History method

Aline Pacheco Silva  
Carolyne Reis Barros  
Maria Luísa Magalhães Nogueira  
Vanessa Andrade de Barros

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais,  
Belo Horizonte – MG, Brasil

## Resumo

O presente artigo propõe-se a descrever e situar o método de História de Vida dentro da ciência destacando suas características singulares. O método de História de Vida se insere dentro de metodologias qualitativas (Abordagens Biográficas) que surge com a Escola de Chicago. O método de História de Vida objetiva apreender as articulações entre a história individual e a história coletiva, uma ponte entre a trajetória individual e a trajetória social. Discutimos também o vínculo entre pesquisador e sujeito, dimensão priorizada no método de história de vida. Essa dimensão não invalida o método, nem tampouco o classifica fora de métodos científicos. Dessa maneira o método de história de vida pode ser classificado como um método científico, com a mesma validade e eficiência de outros métodos, sendo que o compromisso maior do pesquisador é com a realidade a ser compreendida.

Palavras-chave: História de vida; método; metodologia; pesquisa qualitativa.

## Abstract

The present article is considered to describe and to point out the method of Life History inside science detaching its singular characteristics as well as its referring limitations the use of this. The Life History method inserts inside of qualitative methodologies (Biographical Boardings) that it appears with the School of Chicago. The Life History method objective to apprehend the joints between the individual history and the collective history, a bridge between the individual trajectory and the social trajectory. We also argue the tie between researcher and citizen to it, dimension prioritized in Life History method. This dimension does not invalidate the method, nor neither classifies it outside of scientific methods. In this way the method of history of life can be classified as a científico method, with the same validity and efficiency of other methods, being that the commitment biggest of the researcher is with the reality to be understood.

Key-words: Life history; method, methodology; qualitative research.



“ As margens da memória, uma vez  
fixadas com palavras, cancelam-se”  
Ítalo Calvino

## Introdução

A ciência firmou-se como um campo de conhecimento sólido ao tentar entender o mundo através de uma sistematização e uma acumulação do conhecimento produzido sobre os fenômenos. Ao tentar compreender uma realidade, faz-se necessária a busca de definições como ponto de partida. Nesse sentido, com o artigo propomos uma breve discussão sobre metodologia qualitativa, dando ênfase ao método de História de Vida e às características que o diferenciam dos demais. Para tanto, partimos de uma breve discussão sobre ciência.

De acordo com Goldenberg (2000 p. 103) “ a ciência é um conjunto organizado de conhecimentos relativos a um determinado objeto, obtido através da observação e da experiência; (...) é um corpo de conhecimentos sistemáticos, adquiridos com um método próprio, em um determinado meio e momento.”

Entendemos que a ciência é historicamente construída e não se sobrepõe aos outros campos de conhecimento, como a religião e a arte, esferas igualmente úteis para compreender o homem em sua complexidade. No século passado a neutralidade e a objetividade guiavam a ciência, mas hoje o que se vê é o reconhecimento da impossibilidade dessa neutralidade, na mesma medida em que o compromisso com a sociedade<sup>1</sup> vai sendo reafirmado e suas estratégias reinventadas e estabelecidas. Uma das características que define a ciência é a existência de um

método específico que visa sistematizar o conhecimento produzido. Lima, 2001 nos aponta para a seguinte questão: “Ao nos prendermos a um método, perdemos o contato com a realidade a ser compreendida ou investigada, na medida em que passamos a nos apoiar em um modus operandi autônomo e independente dessa realidade...” a autora acrescenta ainda a necessidade de partirmos do real, do concreto antes de usar qualquer instrumento para acessar a realidade. Segundo Goldenberg (2000, pág. 104), método seria “(...) a observação sistemática dos fenômenos da realidade através de uma sucessão de passos, orientados por conhecimentos teóricos, buscando explicar a causa desses fenômenos, suas correlações e aspectos não-revelados; conjunto sistemático de regras e procedimentos que, se respeitados em uma investigação cognitiva, conduzem-na à verdade”.

De forma geral, podemos dividir os métodos e metodologias da ciência em 2 categorias: qualitativos e quantitativos. Goldenberg (2000, pág. 62) contribui muito para a discussão do uso das metodologias quantitativas e qualitativas. De acordo com a autora “... a escolha de trabalhar com dados estatísticos ou com um único grupo ou indivíduos, ou com ambos, depende das questões levantadas e dos problemas que se quer responder”. Mais adiante a autora acrescenta que “(...) o importante é ser flexível e criativo para explorar todos os possíveis caminhos e não reificar a idéia positivista de que os dados qualitativos comprometem a objetividade, a neutralidade e rigor científico.”

---

<sup>1</sup> Basta olhar os programas que as instituições de educação fazem para aproximar a ciência da sociedade (feira de ciências, intervenções realizadas pelas universidades nas cidades. Etc.)

A metodologia quantitativa tem como característica principal a quantificação tanto na coleta dos dados como na interpretação através da utilização de ferramentas estatísticas. “A abordagem quantitativa sacrifica a compreensão do significado em troca do rigor matemático” (Goldenberg, 2000 p.61). Sendo assim, a metodologia quantitativa revela a forte influência positivista de aplicar modelos das ciências naturais às ciências sociais, limitando o fenômeno ao observável e com ênfase ao dado empírico.

A visão que se deve ter ao se falar de metodologias, é que as metodologias quantitativas e qualitativas não são opostas. Paulilo, (1999, p. 135) sugere que

“... ambas são de natureza diferenciada, não excludentes, e podem ou não ser complementares uma à outra na compreensão de uma dada realidade. Se a relação entre elas não é de continuidade, tampouco elas se opõem ou se contradizem. Somente quando as duas abordagens são utilizadas dentro dos limites de suas especificidades é que podem dar uma contribuição efetiva para o conhecimento...”.

À metodologia qualitativa são atribuídas muitas críticas devido a algumas características (como objetividade, lógica argumentativa, entre outras) que a distinguem da metodologia quantitativa. Segundo Paulilo (1999, p. 137) “(...) A pesquisa qualitativa não tem, assim, a pretensão de ser representativa no que diz respeito ao aspecto distributivo do fenômeno e se alguma possibilidade de generalização advier da análise realizada, ela somente poderá ser vista e entendida dentro das linhas de demarcação do vasto território das possibilidades”.

A pesquisa qualitativa é adotada por cientistas opostos ao método experimental de pesquisa nas ciências. “Os pesquisadores qualitativistas recusam o

modelo positivista aplicado ao estudo da vida social.” Goldenberg (2000, pág.17). Dessa maneira, rompe-se com a tradição de que para se alcançar a realidade o único método é o experimental, que levaria a um desvelamento da “verdade” única, entendendo a metodologia como o conhecimento crítico dos caminhos do processo científico, que indaga e questiona acerca de seus limites e possibilidades Demo (1989), inclusive em termos ideológicos; concordamos com Zaluar (1986) quando acrescenta que a relação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado é uma relação social e política.

Nesse sentido, uma característica importante da metodologia qualitativa é a relação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado, que embora perpassada por relações de poder, constitui momento de construção, diálogo de um universo de experiências humanas. É nessa possibilidade de diálogo que reside a principal diferença com as ciências ditas naturais<sup>2</sup> e o seu objeto: o objeto das ciências sociais “é transparente e opaco” (Da Matta, 1991 p. 27), isto é, trata-se de um sujeito – possuidor de seu próprio ponto de vista, suas interpretações, que muitas vezes colocam as do pesquisador em xeque.

Emolduradas na metodologia qualitativa, as abordagens biográficas caracterizam-se por um compromisso com a história como processo de rememorar, com o qual a vida vai sendo revisitada pelo sujeito. Neste contexto, a memória é algo presente na existência do homem, o que implica numa valiosa importância de seu resgate cuidadoso e ético.

De acordo com Campos (2004, p.43) “dentro do quadro referencial da metodologia qualitativa biográfica destacam-se: a História Oral, Biografia, Autobiografia e História de Vida”. Cada um desses métodos implica em

<sup>2</sup> Embora consideramos a distinção entre ciências sociais e naturais um anacronismo.

procedimentos próprios, independentes – ainda que possamos encontrar casos em que a imprecisão metodológica encaminha o pesquisador a equívocos que vão desde a nomenclatura até os recursos técnicos e de procedimento. Segundo Barros e Silva (2002, p. 136) “... a referência comum entre as abordagens que se pretendem biográficas diz respeito

ao que constitui o núcleo central do método: a dimensão do contar e da narrativa.” No mais, o que se observa é uma ausência total de consenso. Para uma melhor compreensão do método da história de vida algumas singularidades das abordagens supracitadas devem ser destacadas, o que pode ser visto no quadro a seguir.

Características das abordagens biográficas

METODOLOGIA	ABORDAGENS BIOGRÁFICAS			
MÉTODOS	HISTÓRIA ORAL	BIOGRAFIA	AUTOBIOGRAFIA	HISTÓRIA DE VIDA
CARACTERÍSTICAS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elaboração de um projeto;</li> <li>- Definição prévia de um grupo de pessoas a serem entrevistadas;</li> <li>- Planejamento da condução das gravações;</li> <li>- Transcrição e conferência do depoimento;</li> <li>- Inexistência da preocupação com o vínculo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilização de diversas fontes;</li> <li>- Recolhimento enviesado dos dados;</li> <li>- Irrelevância da falta de relação entre pesquisador e sujeito pesquisado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discurso direcionado ao leitor;</li> <li>- Preocupação com a seqüência temporal;</li> <li>- Intencionalidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Preocupação com o vínculo entre pesquisador e pesquisado;</li> <li>- Há uma produção de sentido tanto para o pesquisador quanto para o sujeito: “saber em participação”;</li> <li>- História contada da maneira própria do sujeito;</li> <li>- Ponte entre o individual e o social</li> </ul>

História Oral

O método de História Oral envolve o estudo do indivíduo na sua singularidade. Segundo Meihy (1996, p.15), existem alguns critérios práticos e éticos para a condução da método de História Oral, a saber:

- Elaboração de um projeto;
- Definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas;
- Planejamento da condução das gravações;
- Transcrição e conferência do depoimento;
- Autorização para o uso da história;
- Publicação dos resultados, sempre que possível;

A História Oral possui larga utilização entre os historiadores que tem como finalidade entender e aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade ( ex: um dado momento histórico) através de conversas com pessoas e relatos orais. Esse método levanta a possibilidade de uma maior aproximação com a realidade na qual o sujeito está inserido, fazendo uso de uma pesquisa mais direcionada através de interrogatórios. Nas palavras de Campos (2004 p.46)

“... o objetivo não é compreender como cada sujeito re-significa sua existência a partir da narrativa, como reelabora aspectos pessoais numa teia coletiva. Os historiadores pretendem conseguir depoimentos sobre a história cotidiana, contada por grupos oprimidos, que irão nortear as reflexões históricas. Em outras palavras dar voz aos esquecidos pela história oficial.”

Cabe ressaltar a inexistência, nesse método, da preocupação com o vínculo entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa – importante distinção com relação ao método de História de Vida, como veremos.

### Biografia e Autobiografia

Já na Biografia diversas fontes são utilizadas com a finalidade de entender a história e o percurso de vida de uma pessoa. Através de cartas, fotos, filmagens, documentos pessoais, depoimentos, entre outros recursos, o pesquisador objetiva captar a profundidade da história do sujeito. A pesquisa pode ser enviesada, já que sua apresentação depende da compreensão e intenção que o pesquisador desenvolve no recolhimento dos dados .

Há ainda a chamada Autobiografia, cujas características principais são: (1) o discurso direcionado ao leitor, levando muitas vezes uma não-reflexão sobre o

vivido; (2) a preocupação com a rememoração das experiências pessoais e sua articulação num contexto histórico mais amplo destacando assim uma preocupação com a seqüência temporal; (3) o uso da descrição para revelar os momentos de sua história. Como aponta Lacerda (2000, p. 84) “...as lembranças aparecem como produtos de um testemunho ocular da historia de seu tempo, como se cada escritora pudesse elaborar seu discurso de forma impermeável às contradições, às interpretações sociais e às subjetividades...”

### História de Vida

A História de Vida é um método que tem como principal característica, justamente, a preocupação com o vínculo entre pesquisador e sujeito. Haguette (1992) sugere que o método de história de vida, dentro da metodologia de abordagem biográfica, relaciona duas perspectivas metodológicas intimamente, podendo ser aproveitado como documento ou como técnica de captação de dados. Acrescentamos, nas duas perspectivas, a produção de sentido – importante proposta da aplicação deste método.

### Histórico do método de História de Vida

A obra pioneira a utilizar o método da história de vida foi a dos sociólogos W.I.Thomas e F. Znaniecki, trabalho intitulado “The Polish Peasant in Europe and América” (1918), cujo tema central era o processo de organização e reorganização dos poloneses ao se integrarem à cultura americana, isto é, como grupo que se insere em uma nova sociedade. Tal estudo se desenvolveu pautado em intenso trabalho de campo, através do recolhimento de relatos

biográficos, bem como de análise de documentos e análise de cartas. Os autores buscaram com tais estratégias a compreensão e a interpretação desses emigrantes a partir da significação subjetiva que os sujeitos denotavam às suas ações (Barros, 2000). Segundo Le Grand (2005) essa obra é importante pois é fundadora da sociologia americana nascente. Assim, as contribuições mais significativas quanto a constituição da história de vida como método surgem com a chamada Escola de Chicago.

A expressão “Escola de Chicago” (Coulon, 1995) resume em si um movimento que teve, e tem, muito significado para a Sociologia e para a Psicologia Social, compreendendo um conjunto de trabalhos de pesquisa sociológica (desenvolvidos por volta de 1915/1940) por professores e estudantes da “recém” criada Universidade de Chicago (havia sido criada em 1890).

O movimento da Escola de Chicago não apresenta homogeneidade total, mas possui grande sintonia em seus direcionamentos tanto no que se refere aos aspectos metodológicos quanto à construção de conceitos fundamentais – o que lhe confere a unidade necessária à impressão que causou na sociologia e nas ciências humanas de forma geral – garantindo-lhe um espaço particular na sociologia americana. Segundo Goldenberg (2000), a pesquisa da escola de Chicago teve a marca do desejo de produzir conhecimentos úteis para a solução de problemas sociais concretos enfrentados no cenário da cidade de Chicago, naquele período.

Ainda neste contexto emerge a teoria do interacionismo simbólico de George Herbert Mead (1863-1931), que enfoca a natureza simbólica da vida social – traço facilmente percebido na metodologia dos estudos produzidos pela Escola de Chicago. Assim, o acesso aos fenômenos a serem estudados pelo pesquisador só pode se dar quando ele participa ativamente, como agente, no

mundo a ser estudado, pois esses fenômenos são precisamente as produções sociais significantes construídas pelos agentes.

Encontramos nos aspectos metodológicos uma grande inovação proposta pelo interacionismo simbólico, quando propões ceder o lugar do saber ao agente social, postulando que o conhecimento deve ser construído a partir das interpretações, significações, daquele em que está inserido no fenômeno social a ser estudado. O conhecimento de determinada ação só vai, então, fazer sentido se entendido dentro de seu contexto, na realidade em que é experimentada. Assim, a sociologia se faz apoiada na prática dos indivíduos, logo se é necessário

“preservar a integridade do mundo social para poder estudá-lo, e levar em conta o ponto de vista dos agentes sociais, pois é através do sentido que atribuem a objetos, indivíduos e símbolos que os rodeiam, que eles fabricam seu mundo social” (Coulon, 1995 p.22).

Tais concepções teóricas do mundo social acabaram por fazer com que a sociologia se voltasse para o trabalho de campo, para uma sociologia da ação.

Uma segunda geração de sociólogos de Chicago teve imensa importância neste contexto direcionando a sociologia humanista para uma orientação mais científica. Podemos destacar Thomas, Park e Burgess, que foram muito importantes neste sentido, contribuindo com trabalhos que retratavam de forma coerente e consistente a metodologia que ali se desenvolvia.

Já no final dos anos 50 e início dos anos 60 o trabalho do antropólogo norte-americano Oscar Lewis (1914 – 1970) também trouxe uma enorme contribuição. Em seu livro “The Children of Sanchez”, citado por diversos autores ( Le Grand 2005, Nogueira 2004, Barros e Silva 2002), Lewis faz uso do recolhimento da história de vida de uma família mexicana visando apreender os diversos aspectos da vida

dessa família de uma forma mais abrangente.

Barros (2000) sugere que os trabalhos desenvolvidos por Franco Ferraroti na Itália (em 1970) e por Daniel Bertaux (1976) na França, ofereceram novo fôlego ao método de História de vida. Os seminários de “Romance Familiar<sup>3</sup> e Trajetória Social” que atualmente se desenvolvem na Universidade de Paris VII<sup>4</sup>, são exemplos concretos do aproveitamento do método de história de vida no cenário científico contemporâneo. Neste sentido, tais pesquisas se aproximam da construção identitária do indivíduo, da afirmação da identidade a partir dos relatos biográficos, e procura-se elaborar a articulação entre o social e o psicológico a partir da trajetória social individual e a inserção no romance familiar.

Oscar Lewis (Lewis apud Barros, 2000) defende tal método por acreditar que oferece uma visão cumulativa, múltipla e panorâmica da situação analisada. Barros (2000) observa que o método de história de vida funciona como uma possibilidade de acesso do indivíduo (e à realidade que lhe transforma e é por ele transformada) “pelo interior”, na busca da apreensão do vivido social, das práticas do sujeito, “por sua própria maneira de negociar a realidade onde está inserido”.

#### Objetivos do método de História de Vida

Gaulejac (2005) aponta que o objetivo do método da história de vida é ter acesso a uma realidade que ultrapassa o narrador. Isto é, por meio da história de

vida contada da maneira que é própria do sujeito, tentamos compreender o universo do qual ele faz parte. Isto nos mostra a faceta do mundo subjetivo em relação permanente e simultânea com os fatos sociais. (Barros e Silva, 2002).

Ferraroti (apud Barros, 2000) lembra que ao se apropriar do social o indivíduo nele inscreve sua marca e faz em sua subjetividade uma re-tradução deste social, reinventando-o a cada instante. O processo por ele experimentado exprime o “psicossocial”<sup>5</sup> onde ele está inserido, no processo dialético de construção de sua própria identidade e de reconstrução social – mobilidade da história para a história de vida, e da história de vida para o coletivo. Além disso tudo, a experiência de relatar sua história de vida, oferece àquele que a conta uma oportunidade de (re)-experimentá-la, re-significando sua vida – o que implica numa dimensão ética do estudo, trazendo uma contribuição que consideramos essencial – como acabamos de ressaltar mais acima.

De acordo com Nogueira (2004), a história de vida propõe uma escuta comprometida, engajada e participativa. Na relação de cumplicidade entre pesquisadores e sujeitos pesquisados encontra-se a possibilidade daquele que narra sua história experimentar uma re-significação de seu percurso e dar continuidade à construção de um sentido frente a este relato endereçado.

Podemos apontar a dimensão terapêutica proporcionada pela história de vida. Ao construir o texto, a narrativa de sua vida, o sujeito se re-constrói. Marilena Chauí (1973, p. 20) apresenta: “lembrar não é reviver, é re-fazer”.

Becker (1999, p. 109) aponta, entre as contribuições que a história de vida é capaz de dar, uma como fundamental. “A história de vida, mais do que qualquer

<sup>3</sup> A idéia de romance familiar foi inicialmente elaborada por Freud (a partir de seus estudos sobre a problemática ‘psicoafetiva’ edípiana). Dá-se o nome de “romance familiar” ao processo de construção de um caráter fantasioso da história da família que cada indivíduo elabora para si.

<sup>4</sup> Mini-curso ministrado por Roselyne Orofianna, por ocasião do VII Colóquio de Psicossociologia e Sociologia Clínica, Belo Horizonte – 02/07/2001

<sup>5</sup> É patente e justificada a necessidade de encontrar um conceito de psicossocial que exprima as pressuposições aqui apresentadas

outra técnica, exceto, talvez, a observação participante, pode dar um sentido à superexplorada noção de processo”.

Denise Paraná (além de Barros, Bosi, Ferrarotti e Lewis) sugere que um método como esse possibilita uma abordagem histórica muito mais democrática, além de oferecer flexibilidade ímpar, considerando a promoção da capacidade de dominar a evidência humana exatamente onde ela é necessária. Trata-se de uma tentativa de oferecer escuta e, ainda mais, “de dar voz àqueles cujo discurso foi calado ou teve pouca influência no discurso dominante” (Paraná, 1996 p. 317) .

Alguns pontos são importantes a destacar no que diz respeito a esse método, como o vínculo entre pesquisador e sujeito, a questão da relação estabelecida, o sentido que o sujeito dá para sua história, e sua re-significação e condição do discurso ser uma ponte entre o social e o individual.

Barros, Bosi e Paraná realçam em muito a importância do vínculo de confiança – e até amizade (Bosi, 1999<sup>6</sup>) – que o pesquisador acaba por estabelecer com quem narra sua história, com quem, ali, cria um sentido para seu percurso biográfico. “Da qualidade do vínculo vai depender a qualidade da entrevista. Se não fosse assim, a entrevista teria algo semelhante ao fenômeno da mais valia, uma apropriação indébita do tempo e do fôlego do outro.” (Bosi, 1999, p.60)

A análise do objeto de pesquisa não parte da elaboração de hipóteses previamente estabelecidas, mas se desenvolve a partir e na relação, produzindo um saber em participação Ferraroti (apud Barros 2000). Para tanto, o sujeito e o pesquisador situam-se num mesmo nível

e vão construindo juntos o processo. Assim encontramos a possibilidade desse sujeito de refazer sua trajetória, de reconstruí-la, resignificando seu caminho.

#### Procedimentos do método de História de Vida

O método começa a partir do desejo do entrevistado de contar sua vida. Pede-se ao sujeito que conte sua história, como achar melhor – nos moldes de entrevista não-estruturada. Este sujeito vai ser escolhido a partir das relações já desenvolvidas pelo pesquisador no contexto, de acordo com seu desejo de participar. É a partir da relação que vai sendo estabelecida – o vínculo, a confiança, a construção de sentidos – que o método se desenvolve. Trata-se da interlocução

A história de vida não pode ter um sentido, mas sim vários – na concepção de Pierre Bordieu<sup>7</sup> - o relato não corresponde necessariamente ao real, a vida não é uma história. O que importa é o sentido que o sujeito dá a esse real, de forma que o momento de análise posterior dê conta do indivíduo como social.

O relato colhido é uma “produção de si” que o sujeito elabora (Bordieu apud Preuss 1997) e não uma “apresentação de si”. A maneira como o indivíduo conta oferece o acesso a outras dimensões, como ao sociológico, a ponte entre sujeito/coletivo. Ao contar sua vida, o sujeito fala de seu contexto – fala do processo por ele experimentado, intimamente ligado à conjuntura social onde ele se encontra inserido. Ao se trabalhar o vivido subjetivo dos sujeitos, através do método de História de vida, temos acesso à cultura, ao meio social, aos valores

<sup>6</sup> De acordo com Guimarães Rosa, amizade é conversar desarmado. No caso da entrevista o entrevistador irá para a entrevista desarmado de signos de classe, de status, de instrução.

<sup>7</sup> Aula ministrada pela Prof. Vanessa Andrade de Barros no curso “História de Vida e Engajamento Militante” (UFMG, 1º semestre de 2001) e mini-curso ministrado por Roselyne Orofiamma, por ocasião do VII Colóquio de Psicossociologia e Sociologia Clínica, Belo Horizonte – 02/07/2001



que ele elegeu e, ainda, à ideologia.

Um segundo ponto no que se refere ao procedimento é a questão da implicação do pesquisador. Um relato é sempre dirigido a alguém e, assim, provoca também um efeito em quem o ouviu. – logo, tal dimensão é dual, como bem se estabelece este modelo baseado na relação entre aquele que colhe os relatos (que pesquisa) e quem os conta (no sentido mais dinâmico que a palavra sujeito conota).

### Discussão e Conclusão

Uma crítica comum ao método de História de Vida diz do rigor científico no que se refere ao contato entre pesquisador e sujeito. A crítica é legítima? Como dissemos anteriormente uma das características principais do método de história de vida é o vínculo de confiança que se estabelece entre pesquisador e sujeito. Contudo, concordamos com Velho (1978, apud Paulilo, p.135 1999), pois entendemos que o vínculo não invalida ou torna menos científico o método de história de vida, isto é:

“(…) o envolvimento inevitável com o objeto de estudo não constitui defeito ou imperfeição dos métodos utilizados. Sendo o pesquisador membro da sociedade, cabe-lhe o cuidado e a capacidade de relativizar o seu próprio lugar ou de transcende-lo de forma a poder colocar-se no lugar do outro. Mesmo assim, a realidade, familiar ou inusitada, será sempre filtrada por um determinado ponto de vista do observador, o que não invalida seu rigor científico, mas remete à necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa...”

Outra discussão é relativa à indefinição quanto à classificação: Nesse artigo apresentamos, pelo menos, duas vertentes em que não há consenso quanto a discussão se História de Vida é método (Barros e Silva, 2002; Nogueira 2004) ou metodologia (Campos, 2005). A distinção é simples, posto que metodologia é o

conjunto de métodos (o caminho) e o método, por sua vez, constitui um instrumento utilizado para investigar uma determinada realidade.

Outros autores, como Queiroz (1988 apud Paulilo 1999), colocam a história de vida no quadro amplo da história oral, já que também inclui depoimentos, entrevistas, biografias, autobiografias; o que também denota certa confusão no campo. A distinção do lugar da história de vida é importante, pois sistematiza o estudo e padroniza a linguagem da ciência de forma a atender a demanda de critérios de cientificidade apresentada por Demo (1989). De acordo com o autor há critérios de cientificidade internos e externos para que um trabalho seja considerado científico. A originalidade, consistência, coerência e objetivação seriam critérios internos importantes.

É interessante ressaltar que “objetivação” é o termo usado escolhido por Demo (1989) para substituir o conceito de objetividade, pois, segundo esse autor, o pesquisador tenta reproduzir a realidade o mais próximo possível do objeto que busca compreender. O critério externo seria a intersubjetividade, que corresponde ao argumento de autoridade na ciência, não esquecendo que ela é produto histórico, social e em processo de formação, pois a ciência avança na medida em que as soluções levantam novos questionamentos, novos problemas.

À busca de conclusão, gostaríamos de ressaltar que o compromisso do pesquisador é com a realidade, não com o método ou a teoria. Uma postura ética implica em não hesitar quando o método escolhido não der conta de investigar aquela dada realidade. Entendemos ser possível, e necessário, que a metodologia qualitativa investigue e teça considerações sobre uma dada realidade de forma sistemática, configurando assim o olhar científico e ético fundamentais à pesquisa. O método de História de Vida é

um método científico com toda força, validade e credibilidade de qualquer outro método, sobretudo porque revela que por mais individual que seja uma história, ela é sempre, ainda, coletiva, mostrando também o quão genérica é a trajetória do ser humano. ■

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barros, V. A. (2000) De la représentation au pouvoir: une étude sur les trajectoires politiques des dirigeants syndicaux au Brésil. Tese de doutorado. Presses de Septentrion, Lille.
- Barros, V. A. & Silva, L. R. (2002). A pesquisa em História de Vida. In: I. B. Goulart (org.) Psicologia Organizacional e do Trabalho; teoria, pesquisa e temas correlatos. (pp. 134-158). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Becker, H. S. (1999). Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Ed. Pioneira .
- Bosi, E. (2004) O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Campos, F. A. (2004). Trabalho e consciência de classe: a história de Dona Antônia e Dona Maria na luta pela terra. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, FAFICH-UFMG.
- Chauí, M. (1973) Apresentação: Os Trabalhos da Memória. In Bosi, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo, EDUSP.
- Coulon, Alain, (1995) A Escola de Chicago. Campinas: Papirus Editora.
- Da Matta, R. (1991) Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco.
- Demo, P. (1989) Metodologia científica em ciências sociais. 2. ed. São Paulo: Atlas.
- Gaulejac, V. de. (2005) La société malade de la gestion: idéologie gestionnaire, pouvoir managérial e harcèlement social. Paris: Seuil.
- Goldenberg, M. (1998/2000) A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais 3ª edição. Rio de Janeiro: Record.
- Haguette, T. M. F., (1992) Metodologias Qualitativas na Sociologia. 3 ed. Petrópolis:Ed. Vozes.

- Lacerda, L. M. (2000) Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: Cunha, M. T. S., Bastos M. H. C. e Mignot, A. C. V. (orgs). Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica. (pp. 81-107). Florianópolis: Ed. Mulheres.
- Le G. J. (2005) História de vida. In Barus-Michel, J. Enriquez, E. Dicionário de Psicossociologia. Lisboa: Climepsi Editores
- Lima, M.E.A. (2001) A Questão do Método em Psicologia do Trabalho. Palestra proferida no II encontro das Escolas de Psicologia de Belo Horizonte, outubro de 2001.
- Meihy, J. C. S. B. (1996) Manual de História Oral. São Paulo: Loyola.
- Nogueira, M. L. (2004) Mobilidade psicossocial: a história de Nil na cidade vivida. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, FAFICH.
- Paraná, D. (1996) O Filho do Brasil: de Luiz Inácio a Lula. São Paulo: Ed. Xamã.
- Paulilo, M. A. S. (1999) A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida. Serviço social em revista, v. 1, n.1, 135 - 148. Londrina.
- Preuss, M. R. G. (1997) A Abordagem Biográfica – História de Vida – na Pesquisa Psicossociológica. In: Revista Série Documenta, ano VI, nº8, UFRJ.
- Zaluar, A. (1986). Teoria e prática do trabalho de campo: Alguns problemas. In: R.C. L. Cardoso (Org.), A aventura antropológica: Teoria e pesquisa (pp. 107-125). Rio de Janeiro: Paz e Terra

Recebido em: 15/08/2007

Revisado em: 29/10/2007

Aceito em: 31/10/2007

Sobre as autoras:

Aline Pacheco Silva é aluna do curso de graduação em psicologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista em PROBIC pela FAPEMIG.

Carolyne Reis Barros é aluna do curso de graduação em psicologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista de extensão.

E-mail: carolynereis@yahoo.com.br

Maria Luísa Magalhães Nogueira é professora assistente do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Vanessa Andrade de Barros é professora adjunta do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.